

No meio do caminho tinha uma barata

POR CLAUDIA NINA



CLAUDIA NINA é jornalista e escritora, autora, entre outros, de Paisagem de porcelana (Rocco).

EM A PAIXÃO SEGUNDO GH, de Clarice Lispector, um dos livros mais densos e filosóficos da autora, a barata é personagem solene, que dá ensejo a uma série de reflexões ontológicas. A escritora mirim Nina Krivochein, autora de "Bete, a barata", talvez ainda não conheça o texto, é quase certo que não. Mas imagino que chegará o dia em que ela vai se confrontar com a barata de Clarice. A história de Bete é uma das reunidas na antologia *Filhos de peixe*, que, além de Nina, filha da autora Joana Cabral, reúne vários filhos e netos de escritores. Entre eles, preciso dizer, minha filha Amelie.

A barata de Nina é cor-de-rosa. O curioso é que a menina faz dela um animal de estimação - não há estranhamento algum em relação ao asqueroso. Até

porque se trata de uma barata especial; não é sempre que se veem baratas cor-de-rosa andando na rua. Tão especial que a menina queria levar Bete para a escola. E por aí caminha uma história que soma improbabilidades em uma receita cheia de imaginação.

Tem ainda os monstros de Nina Gomes (filha do autor Alex Gomes, organizador da antologia, e da ilustradora Cris Alhadef), o pai confundido com um abacaxi, no conto de André Cunha (filho de Leo Cunha), o

cachorro poliglota de Guilherme Albuquerque (neto da escritora Luciana Savaget), entre outros. Tudo ilustrado pelo competente Guigo, irmão de Nina Gomes.

A ideia que me ocorre, tomando como ponto de partida a barata cor-de-rosa, é a de que as crianças se confrontam com o insólito divertidamente, enquanto o escritor adulto faz do estranho um ponto de repugnância e de confronto com um desconhecido que incomoda, enjoa e, portanto, abre caminho para uma série de reflexões sobre as relações humanas, o sagrado e o imponderável, como é o caso do texto de Clarice Lispector.

Bacana pensar em quanto essas crianças, estimuladas a colocar no papel seus insólitos, irão mergulhar depois na literatura adulta com olhos mais aguçados, percebendo os caminhos da sensibilidade. Mesmo que não se tornem autores, esses pequenos com certeza serão leitores mais assíduos, até porque nasceram e viveram em casas de livros. O exercício da escrita aguça a percepção da realidade e o sentido de organização - ainda que seja a organização do caos e do mais absurdo improvável.

Esta pode ser uma ideia a se fazer em família: quem sabe pedir às crianças que escrevam? Simplesmente escrevam, sem nenhuma intenção outra a não ser escrever.

Deixar de pensar nas redações valendo nota ou em qualquer interesse real de publicação.

Quando coloquei minha filha na oficina de redação no colégio, não podia imaginar que uma de suas histórias iria virar conto em uma antologia. Desde pequena, ela percebeu a responsabilidade com a

Depois de escrita, a palavra ganha asas... um aprendizado que o tempo irá dimensionar.

palavra: a gente nunca sabe quais serão os caminhos que um texto pode ter no futuro. Depois de escrita, a palavra ganha asas... Mais um aprendizado que o tempo irá dimensionar de outras diversas e inusitadas formas.

A vida é mesmo imprevisível. E, no meio do caminho, tudo pode acontecer - até toparmos, de repente, com uma barata cor-de-rosa, filtrada por uma manha de sol colorido.

Filhos de peixe

Vários autores, organização de Alexandre Gomes (Mar de ideias)

